

Os credores, dispostos a encontrar soluções para a dívida.

O Citibank aceita renegociar a dívida de US\$ 43 milhões (cerca de Cr\$ 100 bilhões), contraída pelos estaleiros Verolme, Ishikawajima e CCM, com o aval da Superintendência Nacional da Marinha Mercante (Sunamam), concedido antes de junho de 1982, quando a empresa deixou de ser uma autarquia.

Segundo o vice-presidente da entidade financeira, Alcides S. Amaral, a situação de débito dos estaleiros está afetando o sistema bancário como um todo:

— Nós não temos a posição fechada da dívida. Fala-se em uma soma de US\$ 550 milhões. Apesar da dúvida quanto à cifra, de um fator nós não temos mais nenhuma dúvida: a questão da legalidade do aval da Sunamam.

Até 30 dias atrás, Amaral não acreditava, segundo disse, em uma solução para o caso Sunamam. Além da dúvida sobre a legalidade do aval da Superintendência, há a questão, ainda não resolvida, da diferença das contas apresentadas pelos estaleiros e dos números que a comissão de investigação do Ministério dos Transportes conseguiu levantar.

— Mas, nos últimos 30 dias, a situação se modificou um pouco. Pudemos verificar que o governo está de fato empenhado em resolver a questão. Estamos dispostos a cooperar e esperamos que o governo estabeleça o percentual da dívida que será pago e o que será renegociado.

Apesar da disposição do banco, Amaral afirmou a necessidade de a solução viabilizar-se antes do final do ano:

— Não é porque teremos um novo governo no País no próximo ano. Há uma questão anterior: em 31 de

dezembro temos de fechar um balanço.

Ontem, após encontro com o ministro dos Transportes, Cloraldo Soares Severo, Amaral reafirmou seu crédito na possibilidade de o governo encontrar uma solução. Mas continuou sem saber informar qual o total da dívida e se o montante devido ao Citibank é o maior ou não. A instituição financeira é a maior credora do País, com financiamentos que somam US\$ 4,7 bilhões.

Já o Chase Manhattan, o segundo maior credor do Brasil, com o total de US\$ 3,5 bilhões aplicados, indicou o portoriquenho Alberto Salazar para presidir a sua subsidiária brasileira, o Banco Lar Brasileiro. Uma semana após assumir o cargo, Salazar esteve ontem com o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, "para reafirmar a confiança e o desejo do Chase em continuar com muitos negócios no Brasil".

Salazar admitiu que os bancos internacionais privados podem compensar, com financiamentos adicionais às importações e exportações brasileiras, a exclusão de novos empréstimos em moeda na próxima rodada de renegociação global dos compromissos externos do País.

Para o Chase, o Brasil é o país mais importante, fora os Estados Unidos — ressaltou Salazar.

O presidente do Lar Brasileiro reconheceu também que, no momento, a tendência é de queda da prime, mas considerou arriscada qualquer previsão de médio prazo, em razão da incerteza quanto à política do futuro governo dos Estados Unidos para combater o déficit público.